

## A indisciplina na percepção de educadores e algumas possibilidades

Kedna Gomes Pimenta<sup>1</sup>  
Shênia Soraya Soares Louzada<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetivou identificar questões relacionadas a percepção dos educadores sobre a indisciplina. Foi realizada entrevista com professores, coordenador e pedagogos, para um retratar a realidade escolar, sendo observado que em muitos casos os docentes apresentam-se sem saber o que fazer diante dos fatos, demonstrando um desânimo no ato de ensinar. Ficou evidente que a causa da indisciplina é um tema muito complexo, que envolve fatores relacionados à família, ao professor, à organização da escola, a legislação e à motivação do aluno.

**Palavras-chave:** indisciplina – professores – alunos - motivação.

**Abstract:** This paper aimed to identify issues related to perceptions of educators about indiscipline. An interview with teachers, pedagogues and coordinator for a school depict reality, and we observed that in many cases teachers show up not knowing what to do in the face of facts, demonstrating a depression in the act of teaching. It was evident that the cause of indiscipline is a very complex issue, which involves factors related to the family, the teacher, the school organization, legislation and student motivation.

**Keywords:** indiscipline – teachers – students - motivation.

### Introdução

A indisciplina no ambiente escolar tem sido tema de conversas entre professores de diversas instituições de ensino. O fenômeno indisciplina ocorre em vários ambientes dentro da escola como, por exemplo, no corredor durante os intervalos; na sala de aula; no pátio; na entrada; na saída e tantos outros locais. De modo geral, os professores consideram indisciplina quando não há participação na aula; quando o aluno não traz o material necessário; quando há conversas paralelas; quando o aluno usa boné ou equipamentos eletrônicos (principalmente o celular); ou ainda, considerado de forma mais grave quando há violência física, tráfico de drogas, furtos e porte de arma. Todas essas questões têm perturbado e muito a vida profissional e pessoal dos educadores.

Há pouco tempo, uma professora e uma aluna brigaram após o celular ser barrado em sala. A confusão ocorreu em uma escola municipal de Vitória, onde uma

---

<sup>1</sup>Pedagoga, graduada pela Faculdade Cenecista de Vila Velha / ES - FACEVV.

<sup>2</sup>Docente da FACEVV. Psicóloga, Especialista em Psicopedagogia e Psicologia Clínica e do Aconselhamento. Doutoranda em Psicologia.

professora de 43 anos e uma aluna de 10 anos da 4<sup>o</sup> série desentenderam-se e acusaram-se uma a outra com agressão verbal. O caso foi parar na delegacia e ambas registraram ocorrência conforme noticiário em vários jornais da cidade.

Diante desse fato, observamos que as estratégias usadas atualmente, por alguns professores, para lidar com a indisciplina são desastrosas e o oposto do que os especialistas recomendam. Pesquisa realizada em 2008 pela Organização dos estados Ibero-Americanos com cerca de 8,7 mil professores mostrou que 83% defendem medidas mais duras em relação ao comportamento dos alunos, 67% acredita que a expulsão é o melhor caminho e 52% acham que deveriam aumentar o policiamento nas escolas (VICHESSI, 2009, p. 83).

No referido contexto e sabendo que as sanções já são previstas nos documentos legais fui despertada para a seguinte indagação: seria possível reduzir a indisciplina na escola usando outros meios que não sejam aqueles que indicam o que pode e o que não pode fazer na escola? Para buscar algumas pistas optei por revisitar primeiro o que já existe de concreto sobre esse assunto, para então entrevistar educadores sobre a percepção que tem sobre o problema.

### **A indisciplina na sociedade atual**

Para pensar em disciplina ou indisciplina é necessário lembrar a mudança que houve na dinâmica da sociedade. A família mudou e a escola também mudou. Antes a escola apresentava um valor social maior, o professor tinha maior status, a escola recebia um apoio maior da família. Mas por varias questões e, principalmente, as econômicas a “dona de casa” foi obrigada a ir para o mercado de trabalho, ocasionando uma “fenda” no tempo para com os filhos, não permitindo o acompanhamento mais de perto do desenvolvimento e em relação a questões de valores para as crianças. Instala-se uma verdadeira crise de autoridade na educação.

A crise da autoridade na educação guarda a mais estreita conexão com a crise da tradição, ou seja, com a crise de nossa atitude perante o âmbito do passado. É sobremodo difícil para o educador arcar com esse aspecto da crise moderna, pois é de seu ofício servir como mediador entre o velho e o

novo, de tal modo que sua própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado (ARENDR, 1992. p.243-244).

A indisciplina ainda é percebida por muitos como no passado, ou seja, o caos e a desordem. Em contrapartida, a disciplina é vista como a forma de manter a ordem e a autoridade. Ainda há professores que entendem a disciplina como adequação do comportamento do aluno da forma que o professor deseja, ou uma submissão do aluno ao registro escolar, apresentando um conceito relacionado à obediência. Eles acreditam que essa “disciplina é o método que permite o controle das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma reação de docilidade” (GUIMARÃES, 1988, p.28). Se isso não ocorre, o sentimento exposto por eles é de insegurança, angústia ou irritação diante do caso, isso quando a transgressão atinge o professor, pois quando não atinge, o fato é visto como brincadeira da idade ou desavença de menor importância.

Longe de pensar nos princípios das suas ações, tais alunos e educadores parecem acreditar que a regra existe em função de uma autoridade. O professor, em geral, intervém mais e de forma mais firme no caso do desrespeito a uma autoridade, omitindo-se, quando não está envolvido, problema entre alunos.

Segundo Araújo “a escola atual tem o objetivo de auxiliar o sujeito a construir uma autonomia do pensamento que obrigue sua consciência a respeitar regras após raciocinar em princípios de reciprocidade, se a regra é justa ou não” (ARAÚJO, 1996. p. 115). E para isso, ela conta com a legislação que reconhece o direito e o dever de cada um, inclusive apresentando as sanções para cada caso.

### **Os direitos, os deveres e as sanções**

Toda pessoa tem direito à educação e ela deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental segundo o art.205 da Constituição Federal de 1988 que foi reforçado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O ECA estabelece que é dever do Estado, da família e da sociedade garantir o direito de crianças e adolescentes [...] (BRASIL, Art. 227, 1990). Ainda no art. 55 expressa que “Os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino”.

Para fazer valer a lei o governo liberou um incentivo, que é o programa *bolsa família*, cuja condição para recebê-la é que a criança deve apresentar uma frequência positiva, sendo de responsabilidade do Ministério da Educação (MEC), o acompanhamento da frequência das crianças. Ou seja, muitas crianças permanecem na escola devido a tal incentivo, sem a devida preocupação, por parte de alguns pais, com a educação de seus filhos, as prioridades são em relação ao incentivo.

Se as crianças estão na escola por obrigação da Lei e interesse dos pais já é um grande fator para não quererem zelar pela ordem. Para manter esta ordem na escola cada unidade escolar possui um regimento para estabelecer regras de funcionamento da unidade escolar, desde questões administrativas até disciplinares, trazendo inclusive medidas corretivas para atos de indisciplina cometidos no ambiente escolar.

O Regimento comum das escolas da rede estadual de ensino do estado do Espírito Santo no capítulo II, da ação disciplinar, lista nos art. 81, 82 e 83, os atos indisciplinados e descreve o que são atos leves, graves e infracionais. O art. 84 trata do não cumprimento dos deveres e a incidência em atos indisciplinados ou atos infracionais que podem acarretar ao educando as medidas educativas disciplinares (ESPÍRITO SANTO, 2010).

Entre os direitos e os deveres está a obrigatoriedade do aluno permanecer onde ele não quer. Um aluno só pode sair de determinada escola se a família concordar e se houver vaga disponível para essa criança em outra escola. Sem esses pontos a criança é obrigada a permanecer na escola, o que concorre para a indisciplina conforme descrevem os professores.

### **O que dizem os professores**

Neste item estão as declarações de professores, nas quais estão destacados em negrito algumas palavras ou expressões que serviram para a posterior análise.

Quando passo em frente a escola **sinto repulsa**. Eu que sempre **fui apaixonada pelo magistério**, perdi a batalha para a violência. Já fui xingada varias vezes de nomes que não merecia escutar, já me apontaram o dedo e ameaçaram para eu tomar cuidado na rua, com meu carro, com minha família. Quando eu virava de costas os alunos jogavam giz, lápis, o que tinha na mão. Quando encaminhava um aluno à direção por indisciplina, em poucos minutos ele voltava para a sala de aula dizendo que a diretora tinha autorizado, sem nenhuma advertência, sem nada. Certo dia, após bater o sinal do intervalo, saí da classe junto com os estudantes em direção a sala dos professores e acabei tomando um tapa na nuca. Nas condições que nos são dadas, os alunos fingem que aprendem, os professores fingem que ensinam e a direção finge que coordena (BARROSO, 2001, p. 39).

Desabafos como esses estão cada vez mais freqüentes como: “Um professor de Física de 64 anos levou um soco de um aluno, dentro de sala de aula em uma escola estadual de SP. Professor de geografia de 34 anos teve seu carro incendiado por estudantes no estacionamento de escola estadual na capital paulista. Uma professora de português em Santo André SP, foi baleada por um aluno de 13 anos” (BARROSO.2001, p. 39).

Diante da angústia dos professores, realizei uma entrevista com 03 professores, 02 pedagogos e 01 coordenador na busca de entender o que se passa e talvez pensar em alternativas para o problema. Procurei identificar os sentimentos que eles expressaram e em alguns casos, o trabalho que é realizado com os alunos considerados, “alunos problemas”. Os nomes dos profissionais de educação foram substituídos por outros fictícios. Os verdadeiros nomes serão mantidos em sigilo no intuito de preservar suas identidades. Seguem, portanto, os depoimentos transcritos:

Lá na escola o **aluno indisciplinado assina o livro de ocorrência**, o responsável é chamado, na 4<sup>o</sup> assinatura o aluno recebe uma suspensão de três dias, mas tudo isso é conversado com o responsável pela criança. Quando no caso de uma transferência o aluno é transferido quando surge vaga em outra escola, se não encontrar a escola é obrigada a ficar com esse aluno. Apesar de ser tomada essas atitudes não observo melhora no comportamento desses alunos. Atualmente não existe nenhum apoio, **nenhum trabalho das pedagogas** com os alunos indisciplinados, isso depende da pedagoga, pois a pedagoga que tínhamos lá, fazia um bom trabalho, ela recolhia os alunos indisciplinados levava para uma sala de aula e dava uma atividade diferenciada, conversava, as pedagogas que estão lá não apresentam nenhuma proposta para realizar qualquer tipo de trabalho com os alunos indisciplinados. Na minha aula de educação física eu e o outro professor nós tiramos a educação física deles, nós utilizamos cartões (vermelho e amarelo), o amarelo o aluno fica sem educação física por alguns minutos e no cartão vermelho tirava ele da aula. Com os alunos mais indisciplinados a educação física é retirado por uma semana, eles ficavam com muita raiva, pois eles gostam da educação física. Em alguns casos percebemos resultados em outros não. **Nós temos que conquistar** o aluno

para que eles possam nos respeitar. (Amanda, professora de Educação Física da rede municipal de Vila Velha - ES)

Trabalho no município da serra, com a turma do 2º ano, lá não tem pedagoga, quando eu tenho algum problema com alunos indisciplinados **não tenho a liberdade de enviar esse aluno para a coordenação**, pois a orientação da coordenadora é para que ela seja chamada, e acontece uma conversa com o aluno dentro da sala de aula na frente de todos os outros alunos da sala. Com esse método eu não percebia melhoras, tanto que **parei de utilizar esse artifício**, acabei chegando a conclusão que era eu sozinha, o que dava mais certo era a conversa com os pais, isso é claro não dava certo com todos os alunos (Ludmila, professora do 2º ano do ensino fundamental, do município da Serra) .

Eu **não concordo do professor colocar aluno pra fora** pois muitas vezes, o professor quer **se livrar do problema** e mandar pra gente. (Luiza, coordenadora de uma escola do estado)

Há **dificuldade do pedagogo em se aproximar** do professor para orientar o trabalho, pois na maioria das vezes ele (professor), **não aceita as idéias** do pedagogo (Júlia, pedagoga da rede municipal de Vitória - ES)

A questão do regimento, é que **na maioria das vezes o que está escrito não acontece** exatamente daquela forma, pois existem varias questões que devem ser observadas para que possa ser tomada qualquer atitude, como por exemplo no caso da transferência de um aluno, só pode transferir se esse aluno for aceito em outra escola, e muitas vezes **não conseguimos vaga** para esse aluno devido o motivo da transferência. (Fernanda, Pedagoga da rede municipal da Serra)

Observando o que disse cada professor, destacam-se palavras de desânimo, de falta de expectativa de melhora, de impotência, de abandono. Apenas um se referiu á conquista dos alunos para melhorar a situação.

A coordenadora, por sua vez, entende que a responsabilidade é do professor e as pedagogas também se sentem impotentes diante da realidade. Fatos como estes só vêm reafirmar as diversas situações vivenciadas no cotidiano profissional do educador, afetando profundamente o estado emocional, e em conseqüência, compromete o desempenho do professor. O profissional muitas vezes se encontra perdido, desestimulado, desvalorizado, apresentando um esgotamento físico e mental. Sendo um profissional que não é levado a sério em nosso país, onde parece que os governantes fazem vista grossa para não enxergar a dura realidade vivenciada por essa categoria profissional. Os professores estão se sentindo sozinhos na luta de educar, sendo afetada seriamente a sua auto-estima, ocorrendo até comprometimento da saúde devido as frustrações, medos, angústias, stress enfim, uma série de fatores que desencadeiam o comprometimento da saúde mental do professor.

Conforme ressalta Libâneo (2004) não é fácil para os professores assumirem todos os requisitos profissionais que se exigem da profissão docente, inclusive os éticos, recebendo formação e salários abaixo do que devia e, conseqüentemente, com auto-estima em queda.

Sozinho o professor não deveria se sentir, pois existe na instituição escolar um grupo de pessoas cuja função é a de dar apoio ao professor diante das dificuldades encontradas dentro das instituições escolares. Quando o professor entra em sala, não está entrando sozinho; com ele entram seus colegas, os funcionários, as regras determinadas pela escola, enfim toda a instituição que naquele momento ele passa a representar, além do conteúdo que ele leciona. Portanto, é de se pensar que [...] , o problema da disciplina a ser implantada na escola não é exclusivo do professor, mas pelo contrário, de todo o conjunto de profissionais e da equipe escolar (VASCONCELOS, 2000, p.53).

Também é observada uma espécie de individualismo, entre os profissionais de educação quando ninguém aceita ceder espaço, não existindo amizade. Existe uma grande necessidade de superar essa postura individualista, entre os “seus problemas e os meus problemas”, em direção a uma ética do social, do coletivo.

Existe uma urgência e necessidade de uma reflexão da comunidade escolar, com o objetivo da busca de alternativas, adaptadas à realidade de cada escola. A participação do aluno é um elemento importante, pois favorece o sentimento de pertencer, proporcionando um grau de responsabilidade sendo um elemento de motivação para tal aluno.

Uma proposta que dá certo é ouvir o aluno. Esta é a frase de uma professora de história e geografia da rede municipal de Vitória. Quando questionada se ela tem problemas com alunos indisciplinados sua resposta foi positiva.

Sou professora de historia e geografia, quando **tenho problemas com alunos indisciplinados eu recebo apoio da minha equipe pedagógica**. A indisciplinada não é um problema tão fácil de ser trabalhado, pois existem vários fatores que estão entrelaçados, quando solicito intervenção esta é realizada. Essa intervenção é feita a principio em nível de **diálogo individual**, se não resolver a conversa é **entre os professores e o aluno**, quando necessário chama a **família**. Existe lá na escola um **método muito**

**legal que é o conselho participativo** sendo que funciona da seguinte forma, é escolhido uma sala, não sendo necessariamente por problemas de indisciplina, em que os alunos responderão sobre questões relacionados a instituição, que vai desde a limpeza até questões pedagógicas. E **após existe um dialogo entre os professores e os alunos sendo listado os pontos positivos e negativos de ambos**, dando assim a oportunidade para que o professor tenha um retorno da sua relação com o seu aluno, aos olhos dos alunos.

A fala dessa professora é diferente das demais. Ela vive uma realidade onde está se tentando dar razões para que aluno e professor se sintam melhor. É bem provável que tal ação participativa venha despertando o interesse do aluno e estimulando os profissionais da escola para esta nova realidade. Como bem expressou a professora de história e geografia, o apoio da equipe, a participação e o diálogo são oportunidades para que a situação esteja mudando.

### **Uma prática para a sala de aula**

De modo geral, quando nos referimos à uma sala de aula nossa mente se fixa na relação professor X aluno. E nessa relação, quase sempre o primeiro gostaria que o segundo tivesse motivação para os estudos. Um dos fatores que nos leva a pensar dessa forma é que além da motivação ser um aspecto defendido pelos pedagogos, psicólogos e outros profissionais nós também acreditamos nisso. Queremos que durante as aulas aconteça na algo que estimule o desejo de aprender e conquiste esses alunos.

Defendemos a importância da motivação nas atividades de ensino, principalmente em escolas democráticas, onde uma das premissas é respeitar a individualidade do aluno. Acreditamos mesmo que “a motivação é o processo que se desenvolve no interior do individuo e o impulsiona a agir, mental ou fisicamente, em função de algo. O individuo motivado encontra-se disposto a despender esforços para alcançar seus objetivos”(NÉRICI, 1993. p.75). Essas afirmativas levam-nos a pensar que há possibilidade de se relacionar a indisciplina encontrada nas escolas com a falta de motivação dos alunos, pois são obrigados a estarem em uma sala de aula, sem entender o porquê daqueles conteúdos que não sabem onde serão utilizados. Se o aluno não entende e não vê a finalidade do que está sendo ensinado será muito difícil obter a sua atenção e interesse. “Conseguir que os alunos se sintam



motivados para aprender é o primeiro passo para a prevenção da indisciplina, e um grande desafio para o professor e a escola [...]” (NERI, 1992, p. 75).

Mesmo fazendo parte do discurso de muitos o fato de se ter uma metodologia apropriada à aprendizagem de alunos, o que se percebe em muitas escolas é que:

A didática reinante ainda considera o professor como o único detentor do saber, em sala de aula. O aluno deve manter-se horas a fio, calado e atento. O professor vai-se habituando a trabalhar com os “limites do não pode”, ao invés de privilegiar os “limites da possibilidades”, não levando em conta que o objetivo do trabalho pedagógico se efetua do aluno enquanto aluno, isto é, o trabalho pedagógico se efetua para fazer com que a figura do estudante desapareça.(BOARINI, 1998, p. 1-2)

Por muito tempo o que predominou foi o “não pode” e por causa disso é muito usual a comparação dos alunos de hoje, com os alunos de antigamente. Acontece que esse paralelo da disciplina entre esses alunos não é adequada, pois o contexto histórico da época era diferente da atual, a escola era para poucos, escola elitista, regime militar, onde só permanecia quem se adequasse á ela. Escolas extremamente militarizadas no seu funcionamento diário, tendo como metodologia as ameaças e os castigos, assim era obtido o chamado respeito que tanto é desejado hoje. A escola não era obrigatória e se uma criança não estudasse não fazia diferença para a sociedade.

Nesse sentido, fica claro que a indisciplina escolar sinaliza que não está sendo adequada a forma de lidar com o novo sujeito. Em conseqüência observamos alunos “desinteressados” na sala de aula que não está atraindo a atenção do aprendiz.

Às vezes, a indisciplina é encarada como agressão pessoal. “Não podemos nos colocar na mesma posição do jovem”, observa Julio Aquino, professor de Psicologia da Educação na Universidade de São Paulo (USP) (VICHESSI. 2009 p. 85). O professor de hoje precisa desempenhar seu papel, o que inclui disposição para dialogar sobre objetivos e limitações e para mostrar ao aluno o que a escola (e a sociedade) espera dele.

O professor deve sim despertar a motivação de seus alunos com elaboração de aulas mais dinâmicas e criativas. Mas uma grande questão é sobre a motivação do

professor, pois o docente na maioria das vezes apresenta-se “completamente perdido” diante de tantos fatores que tiram seu estímulo de ensinar. Mesmo com esse sinal de desmotivação não se observa uma troca de ideias, diálogo da equipe pedagógica, na tentativa de entender e solucionar as questões existentes. O que se faz é chamar a família e comunicar o fato. Nada mais.

É necessário assumir a realidade, acreditando nas possibilidades de mudanças de comportamento, de postura, na transformação de uma realidade. Mudando o que realmente deve ser mudado, valorizando o respeito mútuo, o exercício de direitos e deveres, buscando a presença da família e ainda procurando despertar a motivação no aluno e nos professores.

### **Considerações finais**

Se no começo eu queria saber se seria possível reduzir a indisciplina na escola usando outros meios que não sejam aqueles que indicam o que pode e o que não pode, ao final eu entendo que não é tão fácil assim. Há muitos entraves e uma idéia de que é muito difícil.

Acredito que a indisciplina deve ser interpretada, não como problema exclusivamente do aluno, por ser uma criança ou um adolescente rebelde, mas deve ser interpretada como algo que não está funcionando bem. Podendo ser fatores relacionados a família, ao professor, a organização da escola e à motivação do aluno.

Não há como negar que as principais instituições socializadoras são as escolas e as famílias, sendo que a família é peça fundamental, uma vez que, quando a família apresenta-se desestruturada, o que é muito comum nos dias atuais, a conseqüência é de gerar alunos problemáticos para uma convivência social e escolar. É verdade que a família desestruturada cujos pais não educam e não ensinam, e transferem todas as responsabilidades para a escola, apresentam mais frequentemente crianças com problemas emocionais. Mas isso não é tudo.

O problema da indisciplina pode estar relacionado a postura do professor, sendo adotada uma postura autoritária, se baseando no respeito unilateral, de forma que o professor cobra respeito de seus alunos, mas em muitos momentos não age da mesma forma com eles. O ideal é que a autoridade do professor possa ser conquistada com o saber e o respeito ao aluno.

Um fator que eu considero muito importante é a união entre a equipe pedagógica com o professor, pois o ideal é que todos falem a “mesma língua”. A criança percebe quando não existe uma postura coerente entre a equipe, onde cada um age de uma forma.

É necessário assumir a realidade, acreditando nas possibilidades de mudanças de comportamento, de postura, na transformação de uma realidade. Mudando o que realmente deve ser mudado, disponibilizando a aprendizagem do respeito mútuo, do exercício de direitos e deveres e buscar a presença da família, com a sua grande contribuição na busca da disciplina na escola.

É fundamental buscar a participação de todos considerando o aluno como peça chave já que é com ele que se lida todos os dias. Nesse caso, é que a motivação pode ser uma grande aliada.

## **Referências**

ARAÚJO, U. F. Moralidade e indisciplina, uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. *In*: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**. São Paulo: Summus, 1996.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BARROSO, Juliana Rocha. Inimigos de classe. **Revista Educação**. Vitória, Es, out. 200.

BOARINI, M.L. Indisciplina escolar e dificuldades de aprendizagem escolar: questões em debate. **Apontamentos**, n.69, p.1-26, Maringá, 1998.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF, 1990.

ESPIRITO SANTO. **Regimento comum das escolas da rede estadual da ensino do estado do Espírito Santo** – SEDU. Vitória/ES 2010.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **Vigilância, Punição e Depredação Escolar**. São Paulo: Papyrus, 1988.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, Adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2004.

NERI, Anita Liberalesso. A motivação do estudante? Abordagem comportamental. *In*: LA PUENTE, M. (Org.). **Tendências contemporâneas em psicologia da educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. **Didática**: uma introdução. São Paulo: Atlas, 1993.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 2000.

VICHESSI, Beatriz. Indisciplina: Como se livrar dessa amarra e ensinar melhor. *In*: **Nova Escola**. Vitória, nº 226, p.78-89, out.2009.